



## De São Pedro a Santa Maria

Luiz Antonio Slongo

Certamente a grande maioria dos atuais habitantes da pequena cidade de São Pedro do Sul, localizada na região central do Estado do Rio Grande do Sul, vizinha a Santa Maria, nunca percorreu o trajeto entre as duas cidades pela "estrada velha", de chão batido. E ainda bem. O traçado da antiga estrada tornava a distância até Santa Maria maior do que os 37 km de hoje, percorridos pelo asfalto. A distância, pela estrada velha, era de mais ou menos 45 km, mas, para percorrê-los de ônibus, gastava-se um tempo até três vezes maior do que se gasta, hoje, pela estrada nova.

Os ônibus da época, se não estivesse chovendo, gastavam entre uma hora e meia e uma hora e quarenta e cinco minutos para fazer o percurso. Era preciso desviar muitos buracos e pedras, tomar muito cuidado com os animais, principalmente cavalos, bois e vacas, que nem sempre respeitavam o cercado das propriedades, e acabavam invadindo a estrada. Havia também o problema do pó que subia da estrada quando o chão estava muito seco. Bastava cruzar com um carro, ou então permanecer alguns segundos atrás de outro, e pronto! A visibilidade reduzia-se bastante, e a velocidade do ônibus também. Lembro-me que o pó da estrada, em alguns trechos, era de tom acinzentado, e, em outros, era avermelhado. As inúmeras paradas para embarque e desembarque de passageiros era outro fator que retardava a viagem. Certa vez, para quebrar a monotonia, contei 25 paradas do ônibus, entre Santa Maria e São Pedro.

Esses eram só alguns dos problemas enfrentados naquelas viagens. É bom nem lembrar os para-brisas quebrados e os pneus furados, ou cortados por pedras (e como furavam e se cortavam pneus naquela estrada!). Quando ocorria um desses eventos, certamente haveria um atraso de, no mínimo, 30 ou 40 minutos na viagem.

Foi por esta estrada velha, enfrentando essas condições, que viajei diariamente durante os primeiros dois anos da faculdade de Administração, que cursei na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Entre ida e volta por este trajeto, eu gastava, portanto, cerca de três horas por dia. A lentidão e incertezas da viagem provocavam verdadeira tortura nas pessoas que precisam cumprir horário. Era o meu caso. Eu tomava o ônibus às 6:30 da manhã e precisava estar às 8:00 horas no centro de Santa Maria, onde funcionavam, na época, as Faculdades de Administração, Direito, Economia e

Contabilidade. Da parada do ônibus, na Av. Presidente Vargas, até o prédio da UFSM na Rua Marechal Floriano, onde eu estudava, gastava-se mais uns 10 minutos, e isto andando-se muito rápido. A viagem de volta não era diferente. Eu tomava o ônibus às 17 h 45 min, na mesma Av. Presidente Vargas, e precisava estar na escola onde eu lecionava, em São Pedro do Sul, às 19 h 30 min. Às vezes, sobrava tempo para tomar um lanche, antes da aula, às vezes, não. O certo é que eu andava sempre atrapalhado com os horários e chegando atrasado aos compromissos.

Quando comecei a fazer o percurso diário São Pedro – Santa Maria – São Pedro, pensava em aproveitar o tempo da viagem para estudar, revisando a matéria que recebia em aula, ou então preparando-me para as provas. Afinal, eram três preciosas horas por dia. Logo percebi que, para mim, era impossível concentrar a atenção em qualquer tipo de leitura em tais condições de viagem. Passei, então, a conversar mais com as pessoas e a prestar mais atenção no seu comportamento, como forma de ocupar o tempo. Assim, ouvi e presenciei, durante esses dois anos, muitas histórias. Algumas tristes, outras engraçadas, algumas outras que me deixaram preocupado, às vezes fazendo-me perder o sono. Seleccionei três dessas para relatar aqui, deixando a critério do leitor a decisão de enquadrá-las nas categorias mencionadas.

Lembro-me de que, certa manhã, na localidade de Catanduva, a uns 15 km de São Pedro e a 30 de Santa Maria, logo depois de passar a ponte do riacho do mesmo nome, embarcou uma senhora com vários filhos, talvez fossem uns seis ou sete. As crianças tinham várias idades, imagino que oscilando entre 10 anos e até menos de um ano, pois uma delas ainda estava no colo da mãe e aparentava ainda não ter condições de andar. O ônibus estava lotado, com muitos passageiros viajando em pé, como era comum acontecer naquelas viagens. A senhora precisou do auxílio de alguns passageiros que já estavam no ônibus para embarcar as crianças e depois para acomodá-las, em pé ou no colo de duas ou três “almas de boa-vontade” que se dispuseram a ajudar. Dá para imaginar que o tempo necessário para o embarque do grupo foi maior do que o normal, a contragosto do motorista e de muitos passageiros, preocupados com o tempo da viagem.

A maioria das crianças chorava. As menores, que foram para o colo de estranhos, demandavam a presença da mãe, causando tumulto, desacomodando alguns passageiros que precisaram trocar de lugar para deixar as crianças viajarem mais próximas e irritando outros menos compreensivos, ou mais impertinentes. O fato é que, se a viagem já era difícil, neste dia ficou ainda pior.

Para alívio dos passageiros incomodados com a algazarra das crianças, a mãe puxou o cordão da campainha na primeira parada, logo ao entrar na cidade de Santa Maria, em frente à antiga Escola Técnica do Patronato, anunciando que queria descer. Com uma das crianças no colo e mais uma pela mão, a mãe iniciou a caminhada pelo corredor congestionado do ônibus, deixando para trás os demais, que não conseguiam movimentar-se entre a massa de passageiros de pé. Os gritos e choro das crianças intensificaram-se, aguçando ainda mais a impertinência de passageiros e do motorista. A mãe tentou voltar várias vezes, mas só conseguiu resgatar mais uma ou duas das crianças deixadas pelo caminho, ficando as demais espalhadas pelo corredor do ônibus. Já fora do ônibus, na calçada da rua, a mãe precisou

contar com a ajuda do motorista, o qual, abandonando seu posto, lançou-se entre os passageiros na busca das crianças retardatárias. O resgate da primeira até se deu com certo bom humor do motorista, procurando acalmá-la enquanto a levava no colo para fora do ônibus. Mas ao chegar lá pela terceira ou quarta criança, pressionado pelos passageiros que, ao mesmo tempo em que tentavam ajudá-lo, cobravam dele mais agilidade na operação, o motorista já não conseguia mais esconder sua profunda irritação. Ao entregar a última criança à mãe, ele esbravejou: "Por quê a senhora não deixa metade dos filhos em casa quando precisa pegar um ônibus?" A mulher, agora já mais calma com a presença de todos os filhos ao seu redor, entre um misto de indignação e constrangimento, respondeu ao motorista: "Mas e o que você acha que estou fazendo, moço?"

Outra vez, embarcou, ainda em São Pedro, um gaúcho muito bem pilchado. Isso também era muito comum naquelas viagens, o que não causava, portanto, nenhuma estranheza aos demais passageiros. Mas o colorido das roupas deste, em particular, intrigou um grupo de adolescentes que também se deslocava diariamente a Santa Maria, onde frequentava um cursinho pré-vestibular. O comportamento irreverente dos jovens não agradou ao elegante gaúcho, iniciando-se uma breve discussão entre ele e o grupo. Percebendo que a discussão tornava-se mais séria, e temendo a reação do gaúcho, os estudantes mudaram-se para o fundo do ônibus, mantendo, assim, uma certa distância. Mas, dentre os rapazes, havia um que não estava conformado em ter que recuar frente à cara feia do rapaz das pilchas. Levantou-se e, sorratamente, sentou-se, por um instante, na poltrona imediatamente atrás da dele, gastando tempo suficiente para "discretamente" amarrar as franjas do pala do incauto aos pés do banco, onde este estava sentado.

Acabada a travessura, o valentão voltou para o fundo do ônibus, onde foi recebido pelos demais com apupos de "nosso herói". O riso alto do grupo chamou a atenção dos demais passageiros e, obviamente, da própria vítima, que chegou a voltar-se para trás, mas acabou não desconfiando de nada, provavelmente até imaginando que o grupo agora havia escolhido outro alvo para suas brincadeiras.

Refeitos da euforia inicial, provocada pela bravata do companheiro, os rapazes do cursinho entraram primeiro em estado de preocupação e, logo a seguir, em estado de pânico, imaginando do que seria o gaúcho capaz, ao constatar a humilhação à qual fora submetido. Era óbvio que ele atribuiria a autoria da brincadeira de mau-gosto ao grupo e que, dada a intensidade da própria reação que, por muito menos, demonstrara minutos antes, não levaria tamanho desaforo para casa. Para evitar o pior, era preciso, portanto, descer do ônibus antes que o gaúcho o fizesse. Para não correrem nenhum risco, desceram bem antes que o ônibus entrasse na cidade. Ao saltar do ônibus, agora mais seguros por sentirem-se fora do alcance do achacado, ainda tiveram tempo de acenar para ele, com gestos que, por questões de censura, não podem ser aqui descritos. Provavelmente, neste dia, o grupo chegou atrasado às aulas do cursinho, se é que algum deles conseguiu chegar até lá.

Confesso que, naquele dia, me pareceu que o grupo de rapazes tivesse ido longe demais com a brincadeira. Não me sentia com o espírito preparado para presenciar a cena que estava prestes a acontecer. Estava pensando em

que também conviesse eu descer uma parada antes, mas não tive tempo de fazê-lo; o gaúcho puxou antes a campainha. Pensei comigo: "Agora seja lá o que Deus quiser.."

O ônibus ainda não tinha parado completamente quando o rapaz fez a primeira tentativa para se levantar, sendo violentamente puxado de volta para a poltrona. Fez mais uma ou duas tentativas, recebendo como resposta o mesmo golpe contrário que o jogava de volta à posição de origem. Tentou então puxar o pala com uma das mãos, depois com as duas mãos, mas não teve jeito. Precisou sair por baixo do pala, expondo-se a uma posição ridícula diante dos demais passageiros. Só então, fora da poltrona e livre do pala, foi que percebeu a peça que lhe haviam pregado. Procurou com os olhos por algum dos alçozes, mas não encontrou mais nenhum no interior do ônibus. Num primeiro instante, seu rosto tornou-se amarelo e gradativamente foi mudando para um tom rosado, até atingir um roxo avermelhado.

Enquanto esbravejava, escorria-lhe pelos dois cantos da boca uma espuma esbranquiçada. De pé, puxava o pala com as duas mãos e cada vez com mais força, até que o tecido rompeu-se de uma só vez, fazendo-o cair sentado no colo de uma senhora que ocupava a poltrona do lado oposto do corredor. Com o pala dilacerado nas mãos, dentes cerrados e voz embargada, o gaúcho xingava a mãe, as irmãs e até a avó dos rapazes. Percebendo que suas palavras eram em vão, pois eles já não estavam mais presentes, começou a ofender os passageiros que, por ventura, fossem parentes, amigos, ou que apenas apoiassem aquela malcriação dos rapazes, pedindo por favor que se apresentassem para apanhar em lugar dos mal criados. Como não se apresentasse ninguém e percebendo que alguns, mesmo disfarçadamente riam da sua desgraça, desafiou qualquer homem que ali estivesse para brigar. O gaúcho estava realmente decidido a buscar vingança, fosse lá de que forma fosse. Nessas alturas o ônibus já estava parado há uns 10 minutos, com o motorista e mais dois ou três voluntários mais corajosos tentando negociar a retirada do gaúcho. Mas ele estava irredutível. Não deixaria o ônibus sem uma saída honrosa para o seu caso. Alguns passageiros desembarcaram ali mesmo para não perder mais tempo, outros pediam ao motorista que os levasse até o final da viagem e lá resolvesse o problema, chamando a polícia, ou tentando localizar os pais dos garotos em São Pedro. Mas isso não interessava à vítima. Ela queria o problema resolvido, ali e naquela hora mesmo.

Cerca de vinte minutos depois do início da discussão, levantou-se um senhor, que era proprietário de uma loja de roupas em São Pedro, e entregou ao rapaz o seu cartão, pedindo que ele lhe procurasse na loja, no dia seguinte, que lá ele lhe daria um pala novo, igualzinho o que fora danificado, sob a condição de que ele deixasse o ônibus seguir viagem. Um pouco mais calmo e também ele próprio já cansado daquela situação, o gaúcho aceitou a proposta, mas impôs algumas condições: o pala danificado deveria ficar com o dono da loja, pois ele não gostaria de ser depois acusado de tentar levar vantagem da situação, ficando com os dois palas. A outra condição foi de que o custo do pala novo fosse cobrado dos pais dos garotos, pois ele não achava justo que o lojista levasse o prejuízo. Aceitas as condições, o rapaz desceu do ônibus e ia já se afastando, quando voltou correndo, agarrando-se à porta do ônibus, fazendo-o parar novamente. Com meio corpo fora do

ônibus e meio corpo dentro, queria agora saber a razão pela qual o senhor da loja havia feito aquilo, afinal ninguém que não fosse parente, ou conhecido muito próximo dos garotos teria se prontificado a comprar tal briga. Alegava também que, se o dono da loja concordara em cobrar dos pais dos garotos o pala novo, era porque os conhecia e, portanto, era de certa forma cúmplice daquela patifaria. A esta nova investida, os demais passageiros reagiram e, em massa, exigiram que o motorista fechasse a porta do ônibus a desse a partida, deixando o gaúcho esbravejando sozinho no meio da rua.

A última história que selecionei para contar aqui foi, certamente, a mais constrangedora que presenciei durante aquelas viagens, não tendo eu, à época, achado graça alguma. Mas ela certamente tem também lá a sua verve, e acho que é digna de ser relatada.

Não sei se era em função do curto trajeto da viagem, ou porque, na época, fosse considerado um luxo desnecessário, mas os ônibus não tinham toalete a bordo. Quando alguém enfrentasse alguma situação de necessidade extrema, era preciso parar o ônibus e procurar abrigo debaixo de uma ponte, ou no mato à beira da estrada. Foi o que aconteceu certa vez com um senhor, que aparentava mais ou menos 60 anos e deveria ser um pequeno agricultor da região. No meio da viagem, levantou-se, segurando a barriga com as duas mãos e levemente inclinado para a frente. Dirigiu-se até o motorista e falou-lhe baixinho ao ouvido, certamente relatando sua situação e pedindo que parasse o ônibus imediatamente, ao que foi prontamente atendido. Quase correndo o homem saiu do ônibus, procurando com os olhos algum abrigo, ponte ou mato próximo, só encontrando alguns arbustos. Escolheu então um que lhe pareceu o mais denso e agachou-se, escondendo o corpo só pela metade.

Percebendo a situação vexatória em que se encontrava o passageiro detrás daquela moita e para respeitar o senso de pudor de alguns dos que estavam no ônibus e evitar que o espírito gozador de outros se pronunciasse, o motorista resolveu avançar um pouco o ônibus, com a intenção de, pelo menos, atrapalhar um pouco a exposição do grupo de expectadores àquela cena dantesca. Ao perceber que o ônibus se movimentava, o homem imaginou que iriam deixa-lo, levantando-se bruscamente, sem finalizar o que havia começado. Com uma das mãos segurava a calça, que estava na altura dos joelhos e com a outra acenava desesperado, gritando para o motorista que o esperasse.

Sem alternativa, o motorista achou melhor parar, esperando que, assim, ele retornasse para detrás da moita e se recompusesse antes de voltar a bordo. Mas o homem não entendeu assim. Subiu os degraus do ônibus ainda fechando o cinto. Antes que tivesse tempo de sentar-se, houve uma correria dos passageiros que estavam mais próximos à sua poltrona, a procura dos lugares vagos mais distantes. Ao redor dele abriu-se um clarão, tendo ele viajado até Santa Maria num verdadeiro isolamento.